



CONTOS DE FADAS
DOS

IRMÃOS GRIMM



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Título original

The brothers Grimm fairy tales

Texto

Irmãos Grimm

Tradução

Thalita Uba

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens:

Amili/Shutterstock.com;

Gvais/Shutterstock.com;

Vector Tradition/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

G864c Grimm, Jacob

Contos de fadas dos Irmãos Grimm [recurso eletrônico] /
Irmãos Grimm ; traduzido por Thalita Uba. - Jandira, SP :
Principis, 2020.

304 p. ; ePUB ; 2,7 MB. – (Literatura Clássica Mundial)
Tradução de: The brothers Grimm fairy tales
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-085-9 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Contos de fadas. 3. Irmãos
Grimm. I. Uba, Thalita. II. Título. III. Série.

2020-1495

CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira

distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

O PÁSSARO DOURADO

Certo rei tinha um belo jardim, no qual havia uma árvore que dava maçãs douradas. As maçãs sempre eram contadas e, quando chegou a época em que começaram a madurar, notou-se que, a cada noite, uma desaparecia. O rei ficou muito zangado e ordenou que o jardineiro passasse a noite em vigília debaixo da macieira. Este mandou o filho mais velho cumprir a função; mas, por volta das doze horas, o rapaz pegou no sono e, pela manhã, outra maçã havia sumido. Então o segundo filho foi enviado para vigiar; e, à meia-noite, ele também adormeceu e, pela manhã, outra maçã havia sido levada. O terceiro filho se ofereceu para ficar de guarda; mas, a princípio, o jardineiro não quis permitir, por medo de que algo de mal lhe acontecesse. Depois, finalmente cedeu e o garoto se deitou debaixo da árvore para observar.

Quando o relógio marcou doze horas, ele ouviu um farfalhar e um pássaro de ouro puro surgiu voando; quando o bicho estava bicando uma das maçãs, o filho do jardineiro levantou-se prontamente e atirou uma flecha em sua direção. Porém a flecha não feriu o pássaro; apenas arrancou uma pena de ouro de seu rabo. Então, o animal voou para longe. A pena de ouro foi levada ao rei pela manhã e todo o conselho foi convocado. Todos concordaram que ela valia mais que toda a riqueza do reino, mas o rei disse:

– Uma única pena não tem serventia alguma, preciso ter o pássaro todo.

Então, o filho mais velho do jardineiro partiu, achando que seria bastante fácil encontrar o pássaro dourado; e quando ainda havia

caminhado bem pouco, chegou a um bosque, onde avistou uma raposa sentada. Ele sacou uma flecha e se preparou para atirá-la. Então, a raposa disse:

– Não atire em mim, pois lhe darei um bom conselho. Sei qual é sua missão: você quer encontrar o pássaro dourado. Você chegará a um vilarejo pela noite e verá duas hospedarias, uma diante da outra; uma delas é de aparência agradável e bela: não entre nela, passe a noite na outra, embora possa parecer bastante humilde e devastada.

Mas o jovem pensou consigo mesmo: “Como um animal como este pode saber disso?”. Então, ele atirou a flecha na raposa, mas errou, e o animal eriçou o rabo para o alto e correu bosque adentro. O rapaz seguiu seu caminho e, pela noite, chegou ao vilarejo onde ficavam as duas hospedarias; em uma delas, havia pessoas cantando, dançando e banquetando, mas a outra parecia muito suja e pobre.

– Eu seria extremamente tolo – disse ele – se ficasse naquela pocilga em vez de neste lugar adorável.

Então, ele entrou na hospedaria charmosa, comeu e bebeu à vontade, esquecendo-se do pássaro e também de seu país.

O tempo passou e, como o filho mais velho não retornou e não houve notícias de seu paradeiro, o segundo filho do jardineiro partiu e o mesmo lhe aconteceu. Ele encontrou a raposa, que lhe deu o bom conselho, mas quando chegou às duas hospedarias, seu irmão mais velho estava postado à janela onde as festividades corriam e o chamou para entrar. O rapaz não conseguiu resistir à tentação e entrou, esquecendo-se, da mesma forma, do pássaro dourado e de seu país.

O tempo passou novamente e o filho mais novo também desejou partir pelo mundo selvagem para procurar o pássaro dourado; mas seu pai não lhe deu ouvidos por um bom tempo, pois era muito afeiçoado ao filho e receava que algo de mau também lhe acontecesse e impedisse seu retorno. No entanto, finalmente concordou que ele deveria ir, pois não conseguia se aquietar em casa. Quando chegou ao bosque, encontrou a raposa e ouviu o mesmo bom conselho. Ele, contudo, foi grato à raposa e não tentou lhe tirar a vida, como os irmãos tinham feito, então a raposa disse:

– Sente-se sobre meu rabo e viajará mais rápido.

Então, ele se sentou e a raposa começou a correr, e adiante eles seguiram mundo afora tão rápido que seus cabelos assoviavam ao vento.

Quando chegaram ao vilarejo, o garoto seguiu o conselho da raposa e,

sem olhar em volta, seguiu para a hospedaria miserável e lá repousou a noite toda tranquilamente. Pela manhã, a raposa retornou e o encontrou quando estava iniciando sua jornada, e disse:

– Siga em frente até chegar a um castelo, diante do qual encontrará uma tropa inteira de soldados profundamente adormecidos; não se preocupe com eles, apenas entre no castelo e siga adiante até chegar a um salão, onde o pássaro dourado está preso em uma gaiola de madeira. Próxima a ela, você verá uma bela gaiola dourada; mas não tente libertar o pássaro da surrada gaiola e colocá-lo na bonita; caso contrário, você vai se arrepender.

Então, a raposa eriçou o rabo novamente, o jovem se sentou e os dois partiram mundo afora até seus cabelos assoviarem ao vento.

Diante do portão do castelo, tudo estava como a raposa havia dito; então o rapaz entrou e encontrou o salão, onde o pássaro dourado estava dependurado em uma gaiola de madeira e, abaixo dela, encontrava-se a gaiola dourada. As três maçãs de ouro que haviam sido roubadas também estavam por ali. Então, o garoto pensou consigo mesmo: “Seria muito cômico levar um pássaro tão belo nesta gaiola surrada”; então ele abriu a portinhola, pegou o animal e o colocou na gaiola dourada. Mas o pássaro grasniou tão alto que todos os soldados despertaram, o prenderam e o levaram ao rei. Na manhã seguinte, a corte se reuniu para julgá-lo e, depois que tudo foi ouvido, sentenciou-o à morte, a menos que ele levasse ao rei, o cavalo dourado que podia cavalgar tão rápido quanto o vento. Se o fizesse, o pássaro dourado lhe seria dado.

Então, ele partiu novamente em sua jornada, suspirando e em uma imensa desesperança, quando, subitamente, sua amiga raposa apareceu e disse:

– Agora você sabe o que acontece quando não dá ouvidos aos meus conselhos. Eu ainda lhe direi, no entanto, como encontrar o cavalo dourado, se fizer como eu mandar. Deve seguir em frente até chegar ao castelo onde o cavalo está em seu estábulo; ao lado dele, o cavaliço estará deitado em sono profundo e roncando; leve o cavalo silenciosamente, mas não se esqueça de colocar a sela de couro gasta em cima dele e não a dourada que também estará por ali.

Então, o rapaz sentou-se no rabo da raposa e eles partiram mundo afora até seus cabelos assoviarem ao vento.

Tudo correu bem e o cavaliço estava deitado roncando com a mão sobre a sela dourada. Mas quando o jovem olhou para o cavalo, pensou

que seria uma lástima colocar a sela de couro sobre ele.

– Eu lhe darei a sela boa – disse ele –, tenho certeza de que ele merece.

Quando ele pegou a sela dourada, o cavaleiro despertou e berrou tão alto que todos os guardas apareceram e o aprisionaram, e, pela manhã, ele estava novamente diante da corte para ser julgado e foi condenado à morte. Mas foi acordado que, se ele conseguisse levar certa princesa até lá, não seria morto e o cavalo e o pássaro lhe seriam dados.

Então, ele seguiu seu caminho muito entristecido, mas a velha raposa apareceu e disse:

– Por que você não me ouviu? Se tivesse ouvido, teria ido embora tanto com o pássaro quanto com o cavalo. Entretanto, eu o aconselharei mais uma vez. Siga em frente e, pela noite, chegará a um castelo. À meia-noite, a princesa vai para a casa de banhos; vá até ela e a beije, e ela permitirá que você a leve embora; mas tome cuidado para não se apiedar dela e permitir que se despeça dos pais.

Então, a raposa eriçou o rabo e eles partiram mundo afora até seus cabelos assoviarem novamente.

Quando chegaram ao castelo, tudo estava como a raposa havia dito e, à meia-noite, o jovem encontrou a princesa a caminho da casa de banhos e a beijou. Ela concordou em fugir com ele, mas implorou, com muitas lágrimas, que permitisse que ela se despedisse do pai. Em um primeiro momento, ele recusou, mas ela chorou mais e mais, e caiu a seus pés até, por fim, ele ceder. Mas assim que ela chegou à casa do pai, os guardas acordaram e ele foi preso novamente.

Então, ele foi levado ao rei, que disse:

– Jamais terá minha filha, a menos que, em oito dias, escave o morro que obstrui a visão da minha janela.

O morro era tão grande que nem o mundo inteiro conseguiria escavá-lo; e após ele trabalhar por sete dias e ter tido pouquíssimo progresso, a raposa apareceu e disse:

– Vá deitar e dormir; eu trabalharei para você.

E pela manhã, o rapaz acordou e o morro não estava mais lá; então ele foi alegremente até o rei e contou que não havia mais morro, ele deveria lhe entregar a princesa.

O rei, então, foi obrigado a honrar sua palavra, e lá se foram o jovem e a princesa. Então a raposa apareceu e disse:

– Nós teremos os três: a princesa, o cavalo e o pássaro.

– Ah! – exclamou o jovem. – Isso seria ótimo, mas como conseguirá

fazer isso?

– Se me ouvir – instruiu a raposa –, é possível. Quando chegar ao rei e ele perguntar pela bela princesa, deve dizer: “Aqui está ela!”. Ele ficará radiante e você montará no cavalo dourado que eles lhe darão e estenderá a mão para se despedir deles, mas aperte a mão da princesa por último. Então, coloque-a rapidamente no cavalo atrás de você, bata os esporões no animal e galope o mais rápido que conseguir.

Tudo correu bem, então a raposa disse:

– Quando chegar ao castelo onde está o pássaro, eu ficarei com a princesa à porta, você entrará e conversará com o rei; quando ele vir que é o cavalo certo, lhe trará o pássaro; mas você precisa permanecer montado e dizer que quer vê-lo, para garantir que é o pássaro dourado verdadeiro; e quando o tiver na mão, galope para longe.

Isso também correu como a raposa havia informado; eles pegaram o pássaro, a princesa e montaram novamente no cavalo, galoparam para dentro de um grande bosque. Então, a raposa apareceu e disse:

– Agora me mate, corte minha cabeça e meus pés.

Mas o jovem se recusou a fazê-lo, então a raposa disse:

– Eu lhe darei um bom conselho mesmo assim: tome cuidado com duas coisas: não resgate ninguém da força e não se sente à beira de qualquer rio.

Então, o jovem partiu. “Bem”, pensou ele, “não será difícil seguir esses conselhos”.

Ele galopou adiante com a princesa, até finalmente chegar ao vilarejo onde havia deixado seus dois irmãos. Lá ouviu um grande tumulto e alvoroço e, quando perguntou qual era o problema, as pessoas contaram:

– Dois homens serão enforcados.

Quando se aproximou, o jovem viu que os dois homens eram seus irmãos, que haviam se tornado ladrões; então ele perguntou:

– Não há maneira alguma de salvá-los?

Mas as pessoas disseram que não, a menos que ele entregasse todo o seu dinheiro para comprar a liberdade dos criminosos. O jovem não parou para pensar no assunto, apenas pagou o que foi pedido, assim seus irmãos foram libertados e seguiram com ele na direção de casa.

Quando chegaram ao bosque onde haviam encontrado a raposa pela primeira vez, estava tão fresco e agradável que os dois irmãos disseram:

– Vamos nos sentar à beira do rio e descansar um pouco para comer e beber algo.

O mais jovem concordou, esquecendo-se do conselho da raposa, e sentou-se à beira do rio. Sem que ele suspeitasse, seus irmãos vieram por trás e o empurraram para a água levando a princesa, o cavalo e o pássaro, e foram para casa, até seu rei e senhor, e disseram:

– Conquistamos tudo isso com nosso trabalho.

Houve grande regozijo, mas o cavalo se recusou a comer, o pássaro se recusou a cantar e a princesa não parava de chorar.

O filho mais novo atingiu a base do leito do rio; por sorte, estava quase seco, mas seus ossos estavam quase quebrados e a ribanceira era tão íngreme que ele não conseguiu encontrar uma forma de escapar. Então, a velha raposa apareceu mais uma vez e o reprimiu por não seguir seus conselhos, caso contrário, nada de mal lhe teria acontecido.

– Mesmo assim – ponderou a raposa –, não posso deixar você aqui, então agarre meu rabo e segure com firmeza.

Então, o bicho o tirou de dentro do rio e disse a ele quando já estavam na margem:

– Seus irmãos estão fazendo uma vigília para matar você se o encontrarem no reino.

O jovem se vestiu como um homem pobre e entrou secretamente na corte do rei, e mal tinha passado pelas portas quando o cavalo começou a comer, o pássaro começou a cantar, a princesa parou de chorar. Então, ele foi até o rei e contou tudo sobre a trapaça de seus irmãos, que foram capturados e punidos; a princesa foi-lhe entregue novamente; e depois da morte do rei, ele herdou o reino.

Após muito tempo, ele foi caminhar pelo bosque e a velha raposa o encontrou e implorou, com os olhos cheios de lágrimas, que ele a matasse e lhe cortasse a cabeça e os pés. Finalmente ele o fez e, em um instante, a raposa se transformou em um homem, que era, no fim das contas, o irmão da princesa que havia desaparecido há muitos e muitos anos.

João, o FELIZARDO

Alguns homens nascem com sorte: tudo que fazem ou tentam fazer dá certo; tudo que aparece em seu caminho é fortuna; todos os seus gansos são cisnes; todas as suas cartas são trunfos; pode empurrá-los do precipício que for que eles sempre cairão delicadamente sobre as pernas como gatos, apenas para se moverem ainda mais rápido. O mundo pode, muito provavelmente, nem sempre enxergá-los como eles se enxergam, mas por que eles se importariam com o mundo? O que o mundo sabe dessas coisas?

Um desses seres felizardos era nosso vizinho João. Durante sete longos anos, ele trabalhou duro para seu amo. Um dia, finalmente ele disse:

– Amo, deu minha hora, preciso ir para casa e visitar minha pobre mãe mais uma vez; então, por favor, pague minha remuneração e me deixe ir.

E o amo respondeu:

– Você foi um criado bom e fiel, João, portanto sua remuneração será abastada.

Então, o homem lhe deu uma pepita de prata tão grande quanto sua cabeça.

João pegou seu lenço, enrolou a pepita de prata nele, jogou por cima do ombro e partiu pela estrada a caminho de casa. Enquanto caminhava preguiçosamente, arrastando um pé após o outro, um homem apareceu, trotando alegremente em um cavalo majestoso.

– Ah! – exclamou João. – Que maravilha é andar a cavalo! Ali está ele sentado, confortável e feliz como se estivesse em casa, em sua poltrona ao lado da lareira; não tropeça em pedras, preserva o couro dos sapatos e

segue adiante sem sequer se dar conta.

João não falou tão baixinho, o homem ouviu tudo e disse:

– Ora, meu amigo, por que anda a pé então?

– Ah! – respondeu ele. – Tenho este peso para carregar; é, de fato, prata, mas é tão pesada que não consigo manter a cabeça erguida e devo admitir que muito me machuca o ombro.

– O que me diz de fazermos uma troca? – propôs o cavaleiro. – Eu lhe dou meu cavalo e você me dá a prata, o que o poupará do imenso transtorno de ter de carregar tamanho peso.

– Com toda certeza – concordou João. – Mas como está sendo muito gentil comigo, preciso lhe alertar de algo: você terá uma dura tarefa ao carregar essa prata.

Entretanto, o homem desceu do cavalo, pegou a prata, ajudou João a montar o animal, entregou-lhe a rédea em uma mão e o chicote na outra, e disse:

– Quando quiser ir bem rápido, estala os lábios bem alto e grita “upa!”.

João sentia-se radiante sobre o cavalo; endireitou-se, ajeitou os ombros, virou os pés para fora, estalou o chicote e partiu animadamente, assoviando uma alegre canção, e em pouco tempo cantando:

– Não há tristeza nem dor,

Só fortuna ao dispor!

Em meio a riso e alegria,

Segue esta cantoria!

Após um tempo, pensou que gostaria de ir um pouco mais rápido, então estalou os lábios e gritou “upa!”. O cavalo disparou em um galope desenfreado e, antes que João pudesse perceber, foi arremessado para longe e caiu de costas à beira da estrada. O animal teria fugido se um pastor que estava passando por ali, puxando uma vaca, não o tivesse detido. João logo recobrou-se e levantou-se, miseravelmente exasperado, e disse ao pastor:

– Que maravilha poder andar a cavalo, quando um homem tem a sorte de encontrar um animal como este, que tropica e o arremessa pelos ares, quase o fazendo quebrar o pescoço. No entanto, nunca mais voltarei a montá-lo; estimo muito mais a sua vaca do que esta besta que me pregou tal peça e, vê, arruinou meu melhor casaco nesta poça cujo cheiro, aliás, não apetece muito ao olfato. Pode-se caminhar tranquilamente ao lado desta vaca, tendo companhia e, de quebra, leite, manteiga e queijo todos os dias. O que eu não daria por um prêmio como esse!

– Bem – disse o pastor –, se aprecia tanto, eu a trocarei pelo seu cavalo; gosto de fazer o bem a meus próximos, mesmo perdendo na barganha.

– Feito! – exclamou João alegremente.

“Que coração nobre tem esse homem”, pensou ele. Então, o pastor montou o cavalo, desejou uma boa manhã a João e à vaca, e seguiu seu caminho.

João bateu a poeira do casaco, limpou o rosto e as mãos, descansou por um tempo e, então, partiu em silêncio com sua vaca, pensando ter feito um excelente negócio.

– Se eu tiver apenas um pedaço de pão, o que certamente sempre conseguirei, poderei, sempre que quiser, comer minha manteiga e meu queijo com ele; e quando estiver com sede, poderei ordenhar minha vaca e beber o leite. O que mais eu poderia querer?

Quando chegou a uma hospedaria, João parou, comeu todo o pão que tinha e gastou seu último centavo em um caneco de cerveja. Depois de ter descansado, ele partiu novamente, arrastando a vaca na direção do vilarejo de sua mãe. Porém o calor aumentou assim que bateram doze horas, até que, por fim, quando se viu em uma charneca que levaria mais de uma hora para atravessar, ele começou a sentir tanto calor e tanta sede que sua língua grudou no céu da boca. “Posso encontrar uma cura para isso”, pensou ele. “Agora vou ordenhar minha vaca e matar minha sede.” Então, ele a amarrou ao toco de uma árvore e preparou seu cantil de couro para enchê-lo, mas nem uma única gota caiu. Quem imaginaria que aquela vaca, que deveria lhe prover leite, manteiga e queijo, estava totalmente seca todo aquele tempo? João não havia pensado nessa possibilidade.

Enquanto estava tentando ordenhá-la, e de maneira extremamente atrapalhada, o inquieto animal começou a achá-lo muito inoportuno e acabou por acertar-lhe um coice na cabeça que o desacordou. E lá ele permaneceu por um bom tempo, desfalecido. Por sorte, um carniceiro logo passou por ali, levando um porco em um carrinho de mão.

– O que passa, meu rapaz? – perguntou o carniceiro, enquanto ajudava-o a se levantar.

João contou a ele o que tinha acontecido, como estava desidratado e queria ordenhar a vaca, mas descobriu que a vaca também estava seca. Então, o carniceiro lhe deu um cantil de cerveja, dizendo:

– Aqui, beba e se refresque; sua vaca não dará leite, não vê que é um animal velho, que não serve para nada além do abate?

– Que lástima! – lamentou-se João. – Quem diria? E que vergonha me tomar meu cavalo em troca de uma vaca seca! Se eu a matasse, de que serviria? Não gosto de carne de vaca; não é macia o suficiente para mim. Agora, se fosse um porco, como esse gorducho que estás levando, seria possível fazer algo dele; no mínimo, umas salsichas!

– Bem – disse o carnicheiro –, não gosto de dizer “não” quando se pede para fazer algo gentil e amistoso. Para agradar você, eu trocarei, e lhe darei meu belo e gordo porco em troca da vaca.

– Que os céus o recompensem por sua bondade e generosidade!

– agradeceu João, enquanto entregava a vaca ao carnicheiro, e, tirando o porco do carrinho de mão, guiou-o adiante, segurando-o pela corda que estava amarrada em sua perna.

Assim prosseguiu e tudo parecia estar correndo bem para ele: tinha se deparado com alguns revezes, certamente, mas agora havia sido recompensado por tudo. Como poderia ser diferente com um companheiro de viagem como o que ele tinha agora?

O homem seguinte que encontrou era um camponês que carregava um belo ganso branco. O camponês parou para lhe perguntar as horas, o que levou a uma prosa mais longa, pois João contou a ele sobre sua sorte, sobre como havia conseguido tantas boas barganhas, sobre como todo o mundo estava contente e sorrindo para ele. O camponês, então, começou a contar sua própria história, e disse que estava levando o ganso para um batismo.

– Vê – disse ele – como é pesado, embora ainda tenha apenas oito semanas de vida. Quem quer que o asse e coma encontrará muita gordura, visto que teve uma bela vida!

– Tem razão – concordou João, pesando-o com a mão –, mas se fala de gordura, meu porco não fica para trás.

Mas o camponês trazia uma expressão grave no rosto e meneou a cabeça.

– Ouça! – disse ele – Meu nobre amigo, parece ser um homem do bem, então não posso deixar de lhe fazer este favor, pois seu porco pode lhe causar problemas. No vilarejo do qual acabo de vir, o fazendeiro acaba de ter o porco roubado do chiqueiro. Fiquei tremendamente receoso, ao ver você, que estivesse com o porco do fazendeiro. Se for e eles o pegarem, não será nada bom para você. O mínimo que farão é arremessar-lhe no tanque d’água dos cavalos. Sabe nadar?

O pobre João ficou miseravelmente assustado.

– Bom homem – suplicou ele –, ajude-me a escapar dessa enrascada. Desconheço a origem deste animal, mas pode se tratar do porco do fazendeiro, até onde sei. Você conhece esta região melhor que eu, então leve meu porco e me dê o ganso.

– Há de me haver algum benefício nessa troca – respondeu o camponês –, trocar um ganso gordo por um porco, ora! Nem todos fariam tanto por você. Contudo, não serei implacável, visto que está em apuros.

Então, segurou a corda presa ao porco com ele e partiu por uma trilha lateral, enquanto João seguiu seu caminho livre de preocupações. “Afinal de contas”, pensou ele, “aquele rapaz não acabou no prejuízo. Não importa de quem é o porco, mas qualquer que seja sua origem, foi um ótimo amigo para mim. Eu fiquei em maior vantagem na barganha. Primeiro porque a carne é de primeira; também terei gordura de ganso por uns seis meses; e há, ainda, todas essas lindas penas brancas. Eu as colocarei em meu travesseiro, e então certamente dormirei profundamente, sem precisar me embalar. Minha mãe ficará tão contente!”.

Quando chegou ao vilarejo seguinte, avistou um amolador com sua ferramenta, trabalhando e cantando:

– Nas montanhas e nos vales;
Contente a vaguear!
O trabalho é pouco e a vida, sem males;
O mundo todo é o meu lar!
Quem é que se diz; assim tão feliz?

João ficou parado observando por um tempo e, por fim, disse:

– Deve estar muito bem, senhor amolador! Parece tão contente em seu trabalho!

– Sim – respondeu ele –, meu negócio é estupendo; um bom amolador nunca coloca a mão no bolso sem encontrar dinheiro nele. Mas onde você comprou um ganso tão belo?

– Não o comprei, troquei um porco por ele.
– E onde conseguiu o porco?
– Troquei uma vaca por ele.
– E a vaca?
– Troquei um cavalo por ela.
– E o cavalo?
– Dei uma pepita de prata do tamanho de minha cabeça por ele.
– E a prata?

– Oh! Trabalhei duro por sete longos anos.

– Você tem prosperado neste mundo – comentou o amolador. – Agora, se pudesse encontrar dinheiro em seu bolso sempre que colocasse a mão nele, sua fortuna estaria feita.

– É bem verdade, mas como poderia conseguir tal façanha?

– Como? Ora, deve se tornar um amolador como eu – respondeu o homem. – Basta ter um rebolo e o resto virá depois. Cá tenho um que está um pouco gasto, mas eu não pediria mais por ele do que o valor de seu ganso. Você o compraria?

– Como pode sequer perguntar? – respondeu João. – Seria o homem mais feliz do mundo, se pudesse ter dinheiro toda vez que colocasse a mão no bolso, o que mais poderia querer? Aqui está o ganso.

– Agora – disse o amolador, entregando a ele uma pedra bruta comum que estava ao seu lado –, esta é uma pedra extraordinária; trabalhe bem nela e conseguirá fazer um cortador de unhas.

João pegou a pedra e seguiu seu caminho com o coração leve; seus olhos brilhavam de alegria e ele disse a si mesmo:

– Certamente devo ter nascido em um horário afortunado; tudo o que eu poderia querer ou desejar se realiza. As pessoas são tão gentis; elas realmente parecem pensar que eu as favoreço ao permitir que me enriqueçam e me oferecendo boas barganhas.

João começou a se sentir cansado e faminto, pois havia gastado seu último centavo em sua comemoração à aquisição da vaca.

Ele finalmente não conseguia seguir adiante, pois a pedra o exauria terrivelmente, e se arrastou até a margem de um rio, pensando em tomar um gole d'água e descansar um pouco. Então, colocou a pedra com cuidado ao seu lado na margem, e assim que se abaixou para beber, esqueceu-se dela, empurrou-a de leve e ela rolou ribanceira abaixo, mergulhando no riacho.

Por um tempo, ele ficou observando-a afundar na profunda água cristalina; então se levantou e dançou de alegria, depois caiu de joelhos novamente e agradeceu aos céus, com lágrimas nos olhos, por sua bondade em tê-lo livrado de seu único fardo, aquela pedra pesada e feia.

– Como estou feliz! – exclamou ele. – Ninguém nunca teve a sorte que tenho!

Então, ele se levantou, com o coração leve, livre de todos os seus problemas, caminhou adiante até chegar à casa de sua mãe, e contou a ela como era fácil o caminho para a fortuna.

JORINDA E JORINGEL

Era uma vez um velho castelo, que ficava no meio de um bosque fechado e sombrio, e nesse castelo vivia uma velha fada, que podia assumir o formato que desejasse. Passava o dia todo voando por aí na forma de uma coruja, ou espreitava pelo país como um gato, porém à noite, sempre se transformava em uma velha novamente. Quando algum jovem homem chegasse a cem passos do castelo, ficava entorpecido e não conseguia se mover nem mais um passo até que ela aparecesse e o libertasse, o que só faria se ele promettesse nunca mais aparecer por ali novamente, no entanto quando qualquer bela donzela entrava naquele domínio, era transformada em um pássaro e a fada o colocava em uma gaiola e a pendurava em um cômodo do castelo. Havia setecentas gaiolas dessas penduradas no palácio, todas com lindos pássaros.

Havia uma donzela chamada Jorinda. Ela era mais bela que todas as belas jovens que já haviam sido vistas antes e um pastor chamado Joringel era muito afeiçoado a ela, e eles iriam se casar em breve. Um dia, eles foram passear pelo bosque, para poderem ficar sozinhos, e Joringel disse:

– Precisamos tomar cuidado para não nos aproximarmos demais do castelo da fada.

Era uma noite linda; os últimos raios do sol poente brilhavam por entre os longos caules das árvores acima da vegetação rasteira verdejante, e as rolinhas cantavam do topo dos galhos altos.

Jorinda sentou-se para observar o sol; Joringel sentou-se ao seu lado, e ambos se sentiram tristes. Não sabiam o porquê, mas era como se

estivessem prestes a ser separados um do outro pelo resto da vida. Eles caminharam um bocado, e quando se viraram para ver qual caminho deveriam tomar para ir para casa, perceberam-se perdidos, sem saber qual trajeto tomar.

O sol estava se pondo rapidamente, e metade de seu círculo já estava atrás do morro. Joringel subitamente olhou para trás e percebeu, por entre os arbustos, que eles haviam, sem notar, sentado perto dos velhos paredões do castelo. Então, ele se encolheu de medo, empalideceu e estremeceu. Jorinda apenas cantava:

– A pombinha canta dos ramos do salgueiro;

Ai de mim, ai de mim!

Ela chora o destino de seu companheiro;

Ai de mim!

Quando ela parou de cantar repentinamente, Joringel virou-se para ver o motivo e viu que sua amada Jorinda havia sido transformada em um rouxinol, de modo que sua canção terminou com um “piu, piu” pesaroso. Uma coruja com olhos impetuosos voou três vezes em círculos sobre eles, e três vezes gritou:

– Uuu-uh! Uuu-uh! Uuu-uh!

Joringel não conseguia se mover; ficou parado como uma rocha, também não conseguia chorar, nem falar, nem mover mão ou pé. E agora o sol já estava bem baixo; a noite sombria chegou; a coruja voou para o meio de um arbusto e, um instante depois, a velha fada apareceu, pálida e franzina, com olhos pungentes, o nariz e o queixo quase se encontravam.

Ela resmungou algo para si mesma, pegou o rouxinol e se afastou. O pobre Joringel viu que o rouxinol fora levado embora, mas o que podia fazer? Não conseguia falar, não conseguia sair do local onde estava. Por fim, a fada retornou e cantou, com sua voz rouca:

– Até que presa a menina,

E se cumpra a sina;

Aí permanece! Permanece!

Quando o encanto abater,

E o feitiço envolver;

Desaparece! Desaparece!

Subitamente, Joringel se viu livre. Então, ele caiu de joelhos diante da fada e implorou que ela lhe devolvesse sua amada Jorinda, mas ela riu dele e disse que ele jamais a veria novamente, e então partiu em seu caminho.

Ele suplicou, chorou, lamentou, mas tudo em vão.

– Que lástima! – exclamou ele. – O que será de mim?

Ele não podia retornar para sua própria casa, então foi para um vilarejo diferente e arrumou um emprego pastoreando ovelhas. Muitas vezes, caminhou em círculos até chegar o mais próximo que ousava do odiado castelo, mas não ouviu nem viu nada de Jorinda.

Uma noite, ele sonhou que encontrou uma linda flor roxa, e no meio dela havia uma valiosa pérola, depois ele arrancava a flor, ia com ela em mãos até o castelo, e tudo que tocava era libertado do feitiço, e ele até reencontrou Jorinda.

Pela manhã, quando acordou, Joringel começou a procurar, pelas montanhas e pelos vales, por aquela bela flor; e por oito longos dias ele buscou em vão, mas, na manhã do nono dia, encontrou a linda flor roxa e, no meio dela, havia uma enorme gota de orvalho, grande como uma pérola valiosa. Então, ele arrancou a flor e partiu, viajando noite e dia, até chegar novamente ao castelo.

Ele se aproximou mais que cem passos da construção, mas não ficou paralisado como antes, descobriu, na verdade, que conseguia chegar bem perto da porta. Joringel ficou realmente muito feliz ao perceber isso. Então, quando tocou a porta com a flor, ela se abriu; e assim ele entrou na corte e ouviu quando incontáveis pássaros começaram a cantar. Por fim, chegou ao recinto onde a fada aguardava sentada, com os setecentos pássaros cantando nas setecentas gaiolas. Quando o viu, ela ficou muito zangada e berrou de fúria, mas não podia se aproximar mais que alguns metros dele, pois a flor que ele segurava era seu escudo.

Joringel olhou para os pássaros, mas, que lástima!, havia muitos rouxinóis, e como ele descobriria qual era sua Jorinda? Enquanto pensava no que fazer, ele viu que a fada tinha pegado uma das gaiolas e estava tentando fugir pela porta. Ele correu e voou em cima dela, tocou na gaiola com a flor e Jorinda surgiu à sua frente, jogando os braços em torno de seu pescoço e linda como sempre, tão linda quanto quando costumavam caminhar juntos pelo bosque.

Então, ele tocou em todos os outros pássaros com a flor, de modo que recuperaram sua antiga forma, e levou Jorinda para casa, onde se casaram e viveram juntos e felizes por muitos anos; assim como muitos outros rapazes cujas donzelas haviam sido forçadas a cantar solitárias nas gaiolas da velha fada, por muito mais tempo do que gostariam.

OS MÚSICOS VIAJANTES

Havia um fazendeiro que tinha um burro que lhe fora um criado fiel por muitos anos, mas estava ficando velho e, a cada dia que passava, menos apto para o trabalho. Seu amo, portanto, estava cansado de cuidar dele e começou a pensar em abatê-lo, mas o burro, que percebeu que algo suspeito pairava no ar, escapuliu de mansinho e começou uma jornada rumo à cidade grande. “Pois lá”, pensou ele, “posso me tornar músico”.

Depois de ter viajado por pouco tempo, ele avistou um cachorro deitado na beira da estrada, ofegando como se estivesse cansado.

– O que o faz ofegar assim, meu amigo? – quis saber o burro.

– Ai de mim! – exclamou o cachorro. – Meu amo ia me esmurrar a cabeça, porque estou velho e fraco e não tenho mais utilidade para ele na caça; então fugi, mas o que posso fazer para sobreviver?

– Ouça! – respondeu o burro. – Estou indo para a cidade grande para me tornar músico, acha que pode vir comigo e tentar fazer o mesmo?

O cachorro disse que estava disposto e eles seguiram adiante juntos.

Eles não haviam andado muito quando viram uma gata sentada no meio da estrada com uma expressão tremendamente pesarosa.

– Conte, minha boa dama – disse o burro –, que mal a aflige? Parece sem ânimo algum!

– Eu? Oh! – respondeu a gata. – Como é possível ter ânimo quando sua vida corre perigo? Como estou começando a envelhecer e prefiro repousar tranquilamente diante da lareira a vasculhar a casa atrás dos ratos, minha ama me capturou e ia me afogar. E embora eu tenha tido a sorte de conseguir escapar dela, não sei como vou sobreviver.

– Ah – disse o burro –, então venha conosco para a cidade grande; dará uma boa cantora da noite e poderá ganhar uma fortuna como artista.

A gata ficou contente com a ideia e se juntou à trupe.

Logo depois, quando estavam passando por uma fazenda, avistaram um galo empoleirado em um portão, grasnando com todas as suas forças.

– Bravo! – exclamou o burro. – Minha nossa, você tem um gogó e tanto. Diga-me, por que tudo isso?

– Ora – respondeu o galo –, eu estava agora mesmo comentando que provavelmente teremos tempo bom no dia da lavagem, mas minha ama e a cozinheira não reconhecem meu trabalho e ameaçaram cortar minha cabeça amanhã para fazer canja para os convidados que chegarão no domingo!

– Deus o livre! – exclamou o burro. – Venha conosco, Mestre Crista--Vermelha; de toda forma, será melhor do que ficar aqui para ter a cabeça decepada! Além disso, se conseguirmos cantar juntos, talvez possamos organizar uma espécie de concerto.

– De bom grado! – respondeu o galo e os quatro partiram juntos na maior alegria.

Eles não conseguiram, no entanto, chegar à cidade no primeiro dia, então, quando a noite caiu, entraram em um bosque para dormir. O burro e o cachorro se deitaram debaixo de uma grande árvore, a gata subiu nos galhos, enquanto o galo, pensando que quanto mais no alto ficasse, mais seguro estaria, voou para o topo da árvore e, então, seguindo seu costume, antes de dormir, olhou para todos os lados para garantir que tudo estava bem. Ao fazê-lo, ele avistou ao longe algo brilhante e cintilante e, gritando para seus companheiros, avisou:

– Deve haver uma casa não muito longe daqui, pois vejo uma luz.

– Se for esse o caso – ponderou o burro –, melhor sairmos daqui, pois nossa acomodação não é das melhores!

– Além disso – complementou o cachorro –, eu não me importaria com um ou dois ossos para roer ou um pouco de carne.

Então, eles caminharam juntos na direção do local onde Crista--Vermelha tinha visto a luz, que, à medida que se aproximavam, ficava cada vez maior e mais forte, até finalmente chegarem perto de uma casa onde vivia uma gangue de ladrões.

O burro, por ser o mais alto da trupe, marchou até a janela e espiou.

– E então, Burro – disse Crista-Vermelha. – O que você está vendo?

– O que estou vendo? – repetiu o burro. – Ora, vejo uma mesa farta com diversas iguarias deliciosas e ladrões sentados ao seu redor, a se esbaldarem.

– Seria uma bela acomodação para nós – comentou o galo.

– Sim – concordou o burro. – Quem dera conseguíssemos entrar.

Então eles confabularam para tramar como forçariam os ladrões a sair da casa e, por fim, traçaram um plano. O burro se apoiou sobre as patas traseiras, com a testa pressionada contra a janela; o cachorro subiu em suas costas; a gata se acomodou sobre os ombros do cachorro; e o galo se empoleirou na cabeça da gata. Quando tudo estava pronto, um sinal foi dado, e eles começaram sua música. O burro zurrou, o cachorro latiu, a gata miou e o galo cacarejou; e então todos quebraram a janela juntos e caíram no meio da sala, em meio ao vidro estilhaçado, na maior algazarra! Os ladrões, que haviam ficado apavorados com o concerto de abertura, não tiveram dúvidas de que algum duende macabro tinha invadido a casa e fugiram o mais rápido que conseguiram.

Assim que tudo se acalmou, nossos viajantes se sentaram e se esbaldaram no que os ladrões haviam deixado para trás com tamanha avidez que parecia que não esperavam comer novamente por um mês.

Assim que estavam satisfeitos, eles apagaram as luzes e cada um procurou um lugar para repousar que fosse de seu agrado. O burro se deitou sobre um monte de palha no quintal, o cachorro se esparramou em um tapete atrás da porta, a gata se encolheu diante das cinzas quentes da lareira, e o galo se empoleirou em uma viga no topo da casa e, como estavam todos bastante cansados da viagem, logo pegaram no sono.

Por volta da meia-noite, quando os ladrões viram que as luzes estavam apagadas e que tudo parecia quieto, começaram a pensar que haviam debandado depressa demais, e um deles, que era mais ousado que os demais, foi até lá ver o que estava acontecendo. Ao encontrar tudo em silêncio, ele entrou na cozinha e apalpou ao redor até encontrar um fósforo para acender uma vela, e então, ao se deparar com os olhos brilhantes e impetuosos da gata, confundiu-os com carvão em brasa, e aproximou o fósforo para acendê-lo. Mas a gata, sem entender o que estava acontecendo, atracou-se no rosto dele e o arranhou. Aquilo o assustou terrivelmente, e o homem correu para a porta dos fundos; mas lá o cachorro saltou e mordeu sua perna; e quando ele estava atravessando o quintal, o burro o pontapeou; e o galo, que tinha sido despertado pelo barulho, gralhou com todas as suas forças.

Com isso, o ladrão voltou o mais rápido possível para seus companheiros e contou ao chefe como uma bruxa terrível tinha entrado na casa, cuspido e arranhado seu rosto com os dedos longos e ossudos; como um homem com uma faca na mão tinha se escondido atrás da porta e acertado sua perna; como havia um monstro preto no quintal, que o atingiu com uma clava; e como o próprio diabo estava sentado no topo da casa, gritando: “Joga o velhaco aqui em cima!”. Depois disso, os ladrões nunca mais ousaram retornar à casa; mas os músicos ficaram tão satisfeitos com sua acomodação que se instalaram por lá e lá permanecem, ousado dizer, até os dias de hoje.

O VELHO SULTÃO

Um pastor tinha um cachorro fiel, chamado Sultão, que já estava bem velhinho e tinha perdido todos os dentes. Um dia, quando o pastor e sua esposa estavam parados diante de casa, o pastor disse:

– Darei um tiro no velho Sultão amanhã pela manhã, pois ele não tem mais utilidade alguma.

Mas a mulher retrucou:

– Deixe a pobre criatura viver; ele nos serviu fielmente por muitos anos, e nós devemos cuidar dele até o fim de seus dias.

– Mas o que podemos fazer com ele? – indagou o pastor. – Ele não tem um único dente na boca e os ladrões não se assustam nem um pouco com ele. É verdade que nos serviu, mas também o fez para garantir sua sobrevivência. Amanhã será seu último dia, está decidido.

O pobre Sultão, que estava deitado próximo a eles, ouviu o que o pastor e sua esposa disseram um ao outro e ficou muito assustado ao pensar que o dia seguinte seria seu último; então, aquela noite, foi visitar seu bom amigo lobo, que vivia na floresta, e compartilhou com ele suas angústias e o fato de que seu amo pretendia matá-lo pela manhã.

– Fique tranquilo – disse o lobo –, eu lhe darei um bom conselho. Seu amo, como você sabe, vai todos os dias cedo pela manhã com a esposa para o campo e levam a criança com eles, e a deixam deitada atrás da cerca, na sombra, enquanto trabalham. Você vai se deitar perto dela e fingir que está vigiando-a e eu aparecerei da floresta e fugirei com ela. Você deve correr atrás de mim o mais rápido que conseguir, e eu a largarei. Então, você pode levá-la de volta, eles pensarão que você salvou

a criança e ficarão tão gratos que cuidarão de você pelo resto da tua vida.

O cachorro gostou muito daquele plano e assim se procedeu. O lobo fugiu com a criança; o pastor e sua esposa gritaram; mas Sultão logo a pegou e levou a pobrezinha de volta para seu amo e sua ama. Então, o pastor acariciou sua cabeça e disse:

– O velho Sultão salvou nossa criança do lobo, portanto, viverá, e será bem-cuidado e terá comida em fartura. Mulher, vá para casa e prepare para ele um belo jantar, e dê a ele meu velho travesseiro para dormir pelo tempo que ainda viver.

Daquele dia em diante, Sultão teve tudo que poderia desejar.

Pouco tempo depois, o lobo apareceu, lhe desejou felicidades e disse:

– Agora, meu caro amigo, você não deve me dedurar, apenas vire a cabeça para o outro lado quando eu quiser saborear uma das belas e gordas ovelhas do pastor.

– Não – respondeu Sultão. – Serei fiel a meu amo.

Contudo, o lobo achou que ele estava brincando e apareceu uma noite para abocanhar uma iguaria. Porém Sultão contou a seu amo o que o lobo pretendia fazer, então o pastor esperou atrás da porta do celeiro e quando o lobo estava ocupado procurando por uma ovelha suculenta, acertou-lhe umas boas bordoadas nas costas com um grande porrete.

O lobo ficou muito zangado, chamou Sultão de “velhaco” e jurou se vingar. Na manhã seguinte, o lobo mandou o javali para desafiar Sultão a ir até a floresta para acertarem as contas. Sultão, no entanto, não tinha ninguém que pudesse ser seu escudeiro, além da velha gata de três patas do pastor que ele a levou consigo, e enquanto a pobre criatura cambaleava com certa dificuldade pela floresta, eriçava seu rabo alto no ar.

O lobo e o javali foram os primeiros a chegar e quando avistaram seus inimigos a caminho e viram o rabo eriçado da gata, pensaram que ela estava carregando uma espada para Sultão lutar, e toda vez que ela mancava, pensaram que ela estava catando pedras para jogar neles. Então eles disseram que não apreciavam aquele estilo de duelo, o javali se deitou atrás de um arbusto e o lobo saltou para cima de uma árvore. Sultão e a gata logo apareceram e olharam em volta, perguntando-se onde estariam todos. O javali, contudo, não havia se escondido direito, pois suas orelhas apareciam em meio ao arbusto e quando ele sacudiu uma delas de leve, a gata, ao ver algo se mover e pensando se tratar de um rato, saltou sobre ele, o mordeu e o arranhou, de modo que o javali se levantou de supetão,

grunhiu e fugiu às pressas, gritando.

– Olha lá em cima, na árvore, lá está o culpado.

Então, eles olharam para cima e avistaram o lobo, sentado em meio aos galhos, o chamaram de “velhaco covarde” e só permitiram que ele descesse quando estava verdadeiramente envergonhado de seu comportamento e prometeu ser novamente amigo do velho Sultão.

A PALHA, O CARVÃO E O FEIJÃO

Em um vilarejo, vivia uma mulher velha e pobre, que havia juntado alguns feijões e queria cozinhá-los. Então, ela preparou a lareira e, para que queimasse mais rápido, acendeu com um punhado de palha. Quando estava despejando os feijões na panela, um caiu sem que ela percebesse, pousando no chão ao lado de uma haste de palha. Pouco tempo depois, um pedaço de carvão em brasa saltou da lareira e se juntou a eles. A palha disse:

– Caros amigos, como vieram parar aqui?

O carvão respondeu:

– Por sorte, escapuli do fogo e se eu não tivesse conseguido escapar, minha morte seria certa; eu teria queimado até virar cinza.

O feijão disse:

– Eu também escapei com a pele intacta, mas se a velha tivesse me colocado na panela, eu teria sido transformado em sopa sem qualquer misericórdia, como meus companheiros.

– Vocês acham que o destino de meu povo seria muito melhor?

– disse a palha. – A velha destruiu meus irmãos no fogo e na fumaça; pegou sessenta deles de uma vez só e tirou-lhes a vida. Por sorte, escapuli por entre os dedos dela.

– Mas o que faremos agora? – indagou o carvão.

– Penso – respondeu o feijão – que somos tão afortunados por termos escapado da morte que deveríamos nos manter juntos, como bons companheiros e, para evitar que outro infortúnio nos aconteça por aqui, devemos partir juntos rumo a um país estrangeiro.

A proposta agradou os outros dois e eles zarparam em sua jornada juntos. Pouco tempo depois, chegaram a um pequeno córrego e, como não havia ponte ou passarela, eles não sabiam como atravessar. A palha teve uma boa ideia e disse:

– Eu me deitarei de atravessado sobre o córrego e então vocês podem caminhar sobre mim como uma ponte.

A palha, então, esticou-se de uma margem à outra, e o carvão, que tinha um ânimo impetuoso, marchou sagazmente pela ponte recém-construída. Porém quando chegou ao meio e ouviu a água correndo por debaixo dela, ficou com medo e paralisou, sem seguir adiante. A palha, no entanto, começou a queimar, partiu-se ao meio e caiu no riacho. O carvão caiu logo em seguida, sibilou quando atingiu a água e deu seu último suspiro.

O feijão, que, prudentemente, havia aguardado na margem, não pôde evitar rir da situação, não conseguiu parar, e riu com tanto vigor que explodiu. O mesmo infortúnio teria lhe acontecido se, por sorte, um alfaiate que estava viajando em busca de trabalho não tivesse se sentado para descansar à beira do córrego. Como tinha um coração piedoso, o alfaiate sacou de linha e agulha e costurou o feijão de volta. O feijão o agradeceu acaloradamente, mas como o alfaiate usou linha preta, todos os feijões, desde então, têm veias pretas.

A BELA ADORMECIDA

Era uma vez um rei e uma rainha que reinavam em um país muito distante, onde, naquela época, havia fadas. Esse rei e essa rainha tinham muito dinheiro, muitas roupas finas para usar, e muitas coisas boas para comer e beber e uma carruagem para passear todos os dias. Embora fossem casados há muitos anos, não tinham filhos, e esse fato os entristeciam tremendamente. Mas um dia, quando a rainha estava caminhando à beira do rio, nos fundos do jardim, ela viu um pobre peixinho que havia saltado para fora da água, estava arfando e quase morto na ribanceira. A rainha se apiedou do peixinho e o jogou de volta no rio, e antes de nadar para longe, o animalzinho ergueu a cabeça da água e disse:

– Sei qual é o seu desejo e ele será realizado, em retribuição por sua bondade comigo. Logo, terá uma filha.

As palavras do peixe logo se concretizaram e a rainha teve uma menininha tão linda que o rei não conseguia parar de olhar para ela, todo alegre, disse que daria um grandioso banquete e uma festa para mostrar a criança para todo o reino. Então, ele convidou seus familiares, nobres, amigos e vizinhos. E a rainha disse:

– Também convidarei as fadas, pois elas podem ser bondosas e gentis com nossa pequena.

Havia treze fadas no reino, porém o rei e a rainha tinham apenas doze pratos de ouro para lhes servir o banquete, então eles foram forçados a desconsiderar uma das fadas sem sequer convidá-la. As doze fadas compareceram, cada uma com um chapéu vermelho pontudo na cabeça,

sapatos vermelhos de salto alto nos pés e uma longa varinha branca na mão; e depois que o banquete havia terminado, elas se reuniram em um círculo e deram seus melhores presentes à princesa. Uma lhe deu a bondade; outra, a beleza; outra, a riqueza; e assim por diante, até a menina ter tudo que havia de bom no mundo.

Quando a décima primeira tinha acabado de abençoá-la, um grande estrondo foi ouvido no pátio e chegou a notícia de que a décima terceira fada havia aparecido, com um chapéu preto na cabeça, sapatos pretos nos pés e uma vassoura na mão; e logo em seguida, ela entrou no salão. Como não tinha sido convidada para o banquete, estava muito zangada e reprimiu o rei e a rainha severamente, e procedeu com sua vingança. Ela gritou:

– A filha do rei será, em seu décimo quinto ano de vida, ferida em uma roca e morrerá.

Então a décima segunda das fadas amistosas, que ainda não havia concedido sua dádiva, manifestou-se e disse que aquele desejo perverso deveria ser realizado, mas que ela poderia abrandar sua maldade; então seu presente foi que a filha do rei não morresse quando se ferisse na roca, apenas adormecesse por cem anos.

O rei, no entanto, ainda esperava salvar sua querida filha da crueldade eminente, então ordenou que todas as rocas do reino fossem levadas até o castelo e queimadas. E todas as dádivas concedidas pelas primeiras onze fadas foram concretizadas durante esse tempo, pois a princesa era tão bela, educada, bondosa e sábia que todos que a conheciam a amavam.

Aconteceu que, no exato dia em que ela completou quinze anos de vida, o rei e a rainha não estavam em casa e a jovem ficou sozinha no palácio. Ela ficou perambulando pelo castelo, bisbilhotando todos os cômodos e recintos, até finalmente chegar a uma torre antiga, para a qual havia uma escadaria estreita, que terminava em uma portinhola. Na portinhola, havia uma chave dourada e quando a princesa a girou, a porta se abriu, e lá dentro havia uma velha senhora, trabalhando avidamente em sua roda de fiar.

– Minha nossa, – disse a princesa – o que é que a senhora está fazendo aqui?

– Fiando – respondeu a velha, sacudindo a cabeça e cantarolando uma canção enquanto a roda entoava *nhec, nhec!*

– Como é linda a maneira como essa pecinha gira! – exclamou a princesa, pegando a roca e tentando manuseá-la.

Mas ela mal tinha tocado na ferramenta quando a profecia da fada se cumpriu; o fuso a feriu e ela desabou inanimada no chão.

Contudo, ela não estava morta, apenas tinha entrado em um estado de sono profundo. O rei e a rainha, que tinham acabado de chegar em casa, bem como toda a sua corte, também adormeceram; os cavalos nos estábulos, os cachorros no pátio, as pombas no telhado, e até mesmo as moscas adormeceram nas paredes. O fogo na lareira parou de queimar e dormiu; o espeto parou de girar, o ganso que nele estava fincado para o jantar do rei ficou imóvel; e a cozinheira, que estava, naquele momento, puxando seu ajudante pelos cabelos para lhe dar uma bronca por algo que ele havia feito de errado, soltou-o e ambos caíram no sono; o mordomo, que estava disfarçadamente provando a cerveja, adormeceu com a jarra nos lábios. E assim tudo foi paralisado e adormeceu profundamente.

Uma grande cerca de espinhos logo se ergueu ao redor do palácio, e a cada ano que passava, ficava cada vez mais alta e espessa, até que, por fim, o velho palácio estava cercado e escondido, de modo que nem mesmo o telhado ou as chaminés podiam ser avistados. Mas correram notícias por toda a região da bela e adormecida Rosicler (pois assim se chamava a filha do rei), de modo que, de tempos em tempos, os filhos de vários reis foram até lá e tentaram penetrar o matagal para chegar ao castelo. Esse feito, contudo, nenhum deles conseguiu cumprir, pois os espinhos e os arbustos os detinham, como se tivessem garras e os rapazes ficavam presos e morriam de forma lamentável.

Após muitos e muitos anos, o filho de um rei apareceu por aquela região, um velho contou a ele a história do matagal de espinhos e do lindo palácio que ficava atrás dele, e como uma princesa maravilhosa, chamada Rosicler, lá jazia adormecida, juntamente com toda a sua corte. Ele também contou como havia ouvido do avô histórias de muitos, muitos príncipes que tinham ido até lá e tentado vencer o matagal, mas que todos haviam ficado presos e morrido. Então, o jovem príncipe disse:

– Nada disso me afugentará; irei e encontrarei essa Rosicler.

O velho tentou dissuadi-lo, mas ele estava determinado a ir.

Naquele exato dia, os cem anos da maldição se encerraram, e quando o príncipe chegou ao matagal, não viu coisa alguma além de arbustos florescendo, pelos quais ele passou com facilidade, e depois se fecharam após sua passagem, densos como nunca. Então, ele finalmente chegou ao palácio e na corte estavam os cachorros adormecidos, os cavalos estavam